

## Apresentação

A presente pesquisa teve seu início, exatamente, no ano de 2007. Já havia concluído o Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista de Teologia (antigo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil) e acabara de entrar no programa de Pós-Graduação em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Até então, estudava também na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Porém, com a entrada na Pós-Graduação em Teologia, a Faculdade de Letras-Português/Grego, UFRJ, se tornara inviável, uma vez que os horários dos cursos eram concomitantes. Foi assim que cheguei ao curso de História, UFRJ. Meu primeiro contato foi com os estudos de antiguidade, afinal, um pretenso estudioso bíblico supostamente deveria conhecer sociedades e culturas antigas nas quais o cristianismo teve sua origem.

Nesse momento fui apresentado ao professor André Chevitarese, até então, apenas um estudioso que se empenhava em estudar Jesus Histórico e Cristianismo Primitivo. Foi ele quem me propôs essa pesquisa, com distinta erudição explicou como a temática teria um importante lugar nas reflexões acadêmicas.

Pois bem, aliando os conhecimentos ainda primários que tinha de andamento ao desafio, juntamente com o professor Isidoro Mazzarolo, que sequer questionou a pesquisa, antes a abraçou com quem abraça a um filho. Três anos se passaram desde esse começo, pois um ano e meio foi dedicado à complementação de estudos em Teologia, exigida pela PUC-Rio.

De lá pra cá o questionamento sobre a relevância e sentido dessa pesquisa ocuparam longas horas de reflexão. Ao longo desse tempo também consegui concluir o bacharelado em História, o que, com o auxílio do Dr. André Chevitarese, não mais um desconhecido, mas um intelectual por quem tenho profunda admiração e respeito, teve seu curso mais agradável.

Mergulhado nos estudos bíblicos que o mestrado me exigia, com menção orgulhosa de minha parte, por ter sido aluno de Maria de Lourdes, Geraldo Dôndici e Ludovico Garmus, quase não tinha tempo para pensar para além dos muros e limites da Teologia.

Diante disso, o trabalho prosseguia bem, à luz de preciosos estudos bibliográficos que comparecem neste trabalho e à luz de ferramentas exegéticas que me impulsionavam rumo ao entendimento do texto e comunidades cristãs primitivas. Porém, minha atenção foi desviada pelo comentário preciso de André Chevitarese, na faculdade de História, sobre como se constrói o passado à luz de preocupações e questões contemporâneas.

Foi nesse momento que o percurso heurístico, para essa pesquisa, teve seu objetivo completado, pois ao perceber os elementos históricos que comparecem na construção do passado, me foi revelado que a busca pelas comunidades cristãs primitivas precisava, necessariamente, descortinar os processos da modernidade que os (re)configuraram.

Assim, este texto tem a pretensão (ainda que humilde, pois reconhece seus limites) de funcionar como um meta-trabalho. Explico. O sentido é deixar evidente como que a Teologia, ao encerrar-se dentro de suas trincheiras e limites, não percebe a que processos históricos está sujeita e, por vezes, os adota sem uma completa reflexão teórica. É claro que essa pode ter sido somente uma limitação deste autor, mas a bibliografia que logo será apresentada me dá algum conforto e sustentação para assim pensar.

A investigação que se quer dar curso aqui relaciona magia e cristianismo, um tema controverso e polêmico, mas necessário, pois situa o movimento proto-cristão em suas bases originárias do ponto de vista cultural e social. Para essa empresa, que será extensa e complexa, além da introdução, constará de três capítulos que cobrirão aspectos relevantes dessa discussão.

Para introduzir o tema, porém, é necessário situar o estado em que se encontra o estudo sobre a relação entre cristianismo e magia, bem como verificar se há indícios que levam a crer que Paulo estava em ambiente mágico e se, de fato estava, que implicações isso traz.

Dessa forma, um trabalho que recupere esse ambiente mágico do emprego por parte de Paulo desses termos (que refletem um ambiente vivencial, permeado pela magia), faz-se necessário para evidenciar, basicamente, dois aspectos: (i) presença e pertença do elemento mágico em primeiras comunidades cristãs e, (ii) implicações desse uso mágico de Paulo para o entendimento do conflito estabelecido em Gálatas.

A seguir, como primeiro capítulo, faz-se necessário um intenso estudo sobre o estado atual da questão em torno da interpretação dos sentidos conferidos, por parte dos exegetas e estudiosos bíblicos ao verbo βασκαίνω (enfeitiçar). Essa seção tem por objetivo elencar os consensos sobre essa interpretação e colocar em relevo as implicações dessas interpretações.

O segundo capítulo aparece, a partir da exegese de Gálatas 3,1-5, com o objetivo de pontuar aspectos sobre o que, com quem, da forma como e de que se fala nesse texto. Assim, o objetivo é entender o conflito que se passa e, a partir disso, perceber porque se dá a acusação de feitiçaria entre Paulo e seus interlocutores.

Por fim, o terceiro capítulo abordará aspectos em torno do verbo em estudo, a partir de cinco passos: (a) problema no acesso ao texto (filtros de leitura); (b) motivos que causaram problema no acesso ao texto (filtros de leitura); (c) características da crença no mau-olhado; (d) ocorrências do termo na antiguidade; e, por fim, (e) implicações para entender o emprego desse vocabulário por parte de Paulo, bem como a sua inserção na sociedade em que estava inserido, de caráter mágico.

A conclusão pontuará aspectos metodológicos sobre a transdisciplinaridade e a importância de métodos auxiliares ao exegético para a recuperação do contexto originário de comunidades antigas em torno do Mediterrâneo. Porém, não se preocupará em discutir se uma comunidade ou outra, um personagem ou outro acreditavam ou praticavam a magia, pois essa é uma preocupação por demais secundária. Importa, porém, ao texto, recuperar seu ambiente originário à luz das experiências cotidianas culturais das camadas populares e a interação dessas com o cristianismo.